



Expresso

31-08-2013

Periodicidade: Semanal

Classe: Informação Geral

Âmbito: Nacional

Tiragem: 131300

Temática: Política

Dimensão: 202

Imagem: S/Cor

Página (s): 33



Daniel Oliveira

danieloliveira.lx@gmail.com

E DEPOIS DOS BONS SENTIMENTOS?

As sucessivas intervenções americanas, baseadas em falsos imperativos morais e políticos, ou mesmo em mentiras e fabricações, criaram um padrão. Esse padrão determina que, perante uma guerra civil ou entre estados fronteiriços, é obrigação dos EUA liderar uma intervenção militar. De tal forma que o mundo olha para qualquer Presidente americano que não se envolva em conflitos alheios como um fraco permissivo ou um insensível desalmado.

Não tenho dúvidas de que o regime de Assad é capaz de usar armamento químico contra populações civis. É, na verdade, capaz de muito pior do que isso. Mas também sei que a Síria é, para o costume na região, um exemplo de convivência étnica e religiosa. Árabes, curdos, turcos e arménios; sunitas, alauitas, xiitas, drusos, ortodoxos gregos, maronitas, católicos latinos e uma pequena comunidade judaica convivem sem registo de conflitos graves. Uma vitória da oposição, que inclui fundamentalistas religiosos, pode criar um cenário ainda pior do que Assad nos oferece. E sei que qualquer intervenção na Síria é um pontapé numa fileira de domínios onde estão Curdistão, Turquia, Líbano, Israel, Palestina, Irão e Iraque. Os clamores, oportunistas ou bem intencionados, para uma intervenção externa na Síria não podem ignorar as suas possíveis consequências. Quem exige ação tem de estar preparado para se responsabilizar pelas vítimas que o alargamento da guerra a toda a região possa causar.

Obama estava entalado. Não querendo enfiar os EUA neste atoleiro, foi impondo linhas vermelhas que dificilmente seriam cumpridas pelo Governo e pelos rebeldes. Não querendo parecer um fraco aos olhos dos seus eleitores e do mundo, tenta uma intervenção que fique a meio caminho. Faltou-lhe o espaço de manobra ou a sabedoria para dizer o mais difícil: uma intervenção que pode piorar o que já é mau não deve sequer ser ponderada. A opinião pública ocidental sofre ao saber de centenas de civis mortos por armas químicas? É a mesma opinião pública que, quando as mortes se acumularem em intermináveis guerras esquecidas, se cansará do assunto. A Síria passará, como aconteceu com o Iraque e o Afeganistão ou como está a acontecer com o Egito, a ser notícia breve em fim de telejornal. Quem estará lá, então, para colar os cacos?

Expresso

31-08-2013

Periodicidade: Semanal**Classe:** Informação Geral**Âmbito:** Nacional**Tiragem:** 131300**Temática:** Política**Dimensão:** 202**Imagem:** S/Cor**Página (s):** 33

O PRÉMIO

Jão Proença deu a sua bênção, como líder da UGT, àquele que deverá ficar na história como o pior acordo assinado por uma central sindical. Depois de ter desacreditado a central aos olhos dos poucos trabalhadores que ainda se sindicalizam foi escolhido por Seguro para o secretariado do PS. Agora, regressado ao funcionalismo público, foi nomeado assessor do presidente do AICEP, um dos principais instrumentos da política económica do Governo. Os que consideram que estar na oposição é, por si só, um ato de radicalismo, aplaudiram a escolha. Mas não vejo como pode alguém estar na direção do PS e, ao mesmo tempo, a assessorar o Governo. Nem como pode escapar à suspeita de que está a receber o prémio pelo monumental frete que fez a Passos Coelho.

DANIEL OLIVEIRA ESCREVE EM
www.expresso.pt DE 2ª A 6ª FEIRA